DIGEST DA IMPRENSA DE 1988

MOLDÀVIA SOVIÈTICA: VIVER E DIRIGIR A ECONOMIA DE MANEIRA DIFERENTE

EDIÇÃO DA SOCIEDADE MOLDÁVIA
DE AMIZADE E LAÇOS CULTURAIS
COM PAÍSES ESTRANGEIROS

«TIMPUL»

DIGEST DA IMPRENSA DE 1988

MOLDÁVIA SOVIÉTICA:
VIVER E DIRIGIR A ECONOMIA DE MANEIRA DIFERENTE

EDIÇÃO DA SOCIEDADE MOLDÁVIA
DE AMIZADE E LAÇOS CULTURAIS
COM PAÍSES ESTRANGEIROS

"TIMPUL"

C O N T E Ú D O

NA UNIÃO DOS IGUAIS

O país e a república. Questões das relações mútuas

Aspectos económicos das relações entre diferentes nações. Em que consiste a originalidade delas e quais são os seus problemas? O jornalista Fiodor Angueli entrevista Vladislão Kutuirkine, vice-presidente do Conselho dos Ministros, presidente do Plano Estatal da RSS da Moldávia.

PROBLEMAS DA CIDADE E DO CAMPO

Roteiro para os urbanistas

Entrevista com Anatoli Gordeev, arquitecto-chefe da cidade de Kichinev.

Variante moldávia de empreitada familiar

A empreitada familiar foi aplicada pela primeira vez na Moldávia em 1982. Que problemas se detectaram então e hoje? Lyudmila Ribkina, correspondente da AJN.

A JUVENTUDE HOJE

ACCTJ: busca de novas possibilidades

Novas vias de mobilização da juventude para a solução dos problemas vitais da economia nacional. Vladimir Jagubets.

Comerciante do Komsomol

Entrevista com Vladimir Gritsik, chefe da cooperativa juvenil "Graça".

LITERATURA E ARTE

Depois das interdições de muitos anos

O papel do cinema das condições de "glasnost" e da democratização da sociedade é o tema do jornalista Dmitri Mikhailov.

Compositor ou administrador?

Konstantine Rusnak é um compositor famoso no país. O que o obrigou a ocupar -se do trabalho administrativo? Eis sobre que versa a entrevista com o jornalista Anatoli Guendiu.

"Perestroika" para a revista

Revista literária "Nistru". Até ao ano de 1988 a

sua tiragem não ia além dos 3 mil exemplares. Hoje é impossível comprá-la nos quiosques. O jornalista Leo Botnáru perguntou ao redactor-chefe da "Nistru" Dumitru Matcovsky as causas da popularidade elevada, entrevista que reproduzimos.

<u>O novo na vida das minorias nacionais</u>

A situação da cultura gagaúsa e búlgara na Moldávia à luz da perestróika.

<u>Meu "rebe"</u>

O escritor Boris Sandler conta sobre o seu mestre Ikhile Chraibman, famoso escritor judeu soviético.

COOPERAÇÃO: PARIDADE E VANTAGEM MÚTUA

<u>MNE da RSSM: alargamento das funções.</u>
<u>Ampliam-se as relações com a Hungria</u>
<u>Trabalhadores das indústrias de conservas cooperam</u>
<u>À procura do parceiro</u>
<u>Tempos de renascimento da esperança</u>

NA UNIÃO DOS IGUAIS

O PAÍS E A REPÚBLICA. QUESTÕES DE RELAÇÕES MÚTUAS

O jornalista Fiodor Angueli interroga Vladislão Kutirkine, vice-presidente do Conselho dos Ministros da RSSM sobre o lugar da república federada na estrutura geral da economia do nosso país. A entrevista foi publicada no jornal "Soviétskaya Moldávia".

- Que representa por si o Complexo único da economia nacional (CUEN) da URSS na etapa actual? Quais são as suas características principais?

- A economia da URSS é um único organismo e de modo algum não é uma símples soma aritmética das economias de repúblicas isoladas. CUEN abrange a produção, a distribuição, o câmbio e o consumo. Da eficácia do seu funcionamento depende o desenvolvimento da nossa sociedade em geral. O nível da vida de moldávios, ucranianos, georgianos, estonianos, de outros povos está condicionado não só pelo trabalho deles mesmos, mas também pela eficácia do trabalho dos construtores de máquinas de Moscovo e Leninegrado, dos metalurgos dos Uraís e dos construtores de tractores da Bielorrússia.

Esta cooperação não conhece fronteiras - nem administrativas, nem linguísticas. A sua segurança e diversidade é a nossa grande conquista. Nisso consiste a essência principal do CUEN. Os laços económicos no nosso país são tanto estreitos que qualquer falha no trabalho em qualquer região se reflecte nos resultados gerais.

Convencemo-nos disso há pouco com os acontecimentos de Nagorny Karabakh. Eles causaram grandes perdas não só na economia da região autónoma, do Azerbaidjão, da Arménia, mas também de todo o país em geral. A interrupção no funcionamento de toda uma série das empresas causou uma longa cadeia de falhas nas empresas conexas por toda a União, inclusive e na nossa república. Nas empilhadeiras da fábrica electrónica da cidade de Beltsy utilizam os autoblos da produção da fábrica de hidroaparelhagem "Armauto" da Erevão. Os operários de Beltsy não receberam a quantidade prevista destes blocos e como resultado disso não cumpriram as suas obrigações perante os consumidores.

- Às vezes nas publicações dos jornais mostram simplificadamente os laços económicos das repúblicas federadas. Às vezes fica-se a impressão que uma república só fornece as máquinas, outra fornece tecidos ou a produção agrícola. Realmente isso não é uma símples troca equivalente, mas uma coisa mais complicada e diversa.

- Certo, esse processo é mais profundo. A orientação do potencial económico de cada república para o máximo incrementa do seu contributo no CUEN e surgiu como consequência da desenvolvida divisão nacional do trabalho. Mesmo uma grande república não está em condições, à custa dos

seus próprios recursos de produção, de assegurar ritmos elevados de desenvolvimento económico, de utilizar e de fazer aplicar as conquistas do progresso científico-técnico.

A dialéctica do desenvolvimento da URSS é tal que cada república, aumentando o contributo nas riquezas materiais e spirituais dele, por outro lado amplia as possibilidades de prosperidade e progresso posterior.

As forças produtivas actuais exigem a integração mesmo quando se trata de países diferentes. Elas necessitam de unir estreitamente os esforços de várias regiões e repúblicas num único país. A vida refutou muitas vezes as concepções de"apoio nas suas próprias forças". Nas condições da ampla internacionalização da vida social isso é irreal.

- No Ocidente os meios de comunicação social sugerem frequentemente a ideia de que as verbas das repúblicas federadas para o orçamento nacional são exorbitantes. Será assim? E a que se destinam essas verbas?

- Vamos precisar; não se trata das verbas dos orçamentos das repúblicas federadas, más dos impostos e receitas de todo o Estado. Estas verbas são despendidas na satisfação das necessidades nacionais que englobam a defesa, a direcção, a instrução, a ciência, etc. A porção das verbas da república para o orçamento da URSS varia de ano para ano. Em 1985 ela perfez 24 por cento do orçamento estatal da Moldávia, em 1986 - 25,9 por cento, em 1987 - 17 por cento. Para o ano de 1988 este índice é aprovado ao nível de 6,4 por cento.

- - Como se realiza na prática a política de nivelamento do desenvolvimento económico e social das regiões centrais do país e das suas regiões periféricas?

- Praticamente o problema do nivelamento do desenvolvimento económico e social das repúblicas federadas está resolvido no nosso país. Mas tal nivelamento não significa o nivelamento em tudo, a liquidação de todas as diferenças sócio-económicas entre as nações e etnias. Pois além das peculiaridades nacionais e históricas das repúblicas existem as diferenças regionais nas condições e recursos naturais (recursos em matérias-primas, terrestres, aquáticas, climatéricas), nas condições económicas (no nível das forças produtivas), nos processos demográficos. Existem diferenças específicas também das necessidades da população.

- Mas o objectivo da política de nivelamento e de aproximação dos níveis não fica reduzido ao nivelamento das peculiaridades e da específica das repúblicas, em que consiste ele neste caso?

- Ele consiste na criação de possibilidades iguais para o seu progresso económico e social acelerado. Por igualdade real das repúblicas federadas entende-se, em primeiro lugar, a existência em cada delas de uma grande indústria moderna, duma infraestrutura industrial e so-

cial desenvolvida, a superação das diferenças bem marcadas em indicadoeconómicos tais como a produtividade , a potência energética e em fundos fixos por trabalhador, o nivelamento do bem-estar. O salário real em todas as repúblicas é aproximadamente igual - os desvios não vão além dos 10 por cento dos indicadores médios nacionais.

- O certo é que o problema do nivelamento não se reduz só à aproximação dos indicadores do rendimento nacional per cápita produzido nas repúblicas. Pois as diferenças na estrutura das economias das repúblicas mantêm-se e manter-se-ão no futuro. Na Moldávia, na Lituânia, nas repúblicas do Cáucaso, na Ásia Central é grande a parte da agricultura, e também dos seus ramos da produção, que em termos de valor, produzem menos do que , por exemplo, na construção de máquinas...

- Parece justa a opinião do académico J.Bromley, especialista em questões relativas às etnias. Ele considera que"é preciso conceber indicadores estruturais para as necessidades da direcção e planificação do desenvolvimento económico e social que poderiam realmente dar a possibilidade de avaliar o grau de superação dos vestígios da desigualdade entre os nossos povos, para não confundir, não atrapalhar, mas separar nitidamente a peculiaridade no desenvolvimento dos seus níveis".

- Porém, porque é que o nível do rendimento nacional per cápita em diferentes repúblicas não é igual? Por exemplo, em 1986, na Letónia perfez 2,643 rublos, mas na Moldávia - 1,718 rublos.

- Podemos nomear as seguintes causas da desproporção existente: diferenças históricas do "nível de arranque"; diferenças de estrutura na utilização dos recursos laborais e da estrutura da economia da república e do país; em geral os tipos de agricultura, na qual os ritmos do desenvolvimento e o nível da produtividade do trabalho são mais baixos do que nos outros ramos ocupam grande parte da economia da Moldávia. Na nossa república também é mais baixo o nível da produtividade do trabalho na produção material. As possibilidades de aumento adicional são: o mais pleno aproveitamento das vantagens da divisão e da cooperação do trabalho em toda a União Soviética e também dos factores intra-republicanos no desenvilvimento económico.

A distribuição desigual das poupanças pelo país, e dos gastos com a ciência e a defesa e outros factores semelhantes condicionam a necessidade da redistribuição territorial do rendimento nacional à escala de toda a União Soviética.

O desenvolvimento sistemático das forças produtivas da Moldávia, o aperfeiçoamento da estrutura e dos indicadores qualitativos da direcção da economia combinam com os altos ritmos do crscimento económico, superiores ao nível nacional. Como resultado temos o aumento ou manutenção ao alto nível da produção dos ramos da especialização (tradicionais e novos). A Moldávia já superou o nível médio nacional de produção

per cápita. Trata-se da produção de artigos da electrotécnica, da construção de bombas, de máquinas de fundição, de aparelhos, da técnica para os serviços prestados à população, etc. É nos interesses tanto do país como da república que se reforça a estrutura da economia da Moldávia, e os ramos que determinam os ritmos e o nível do progresso técnico-científico. Para o país isto é a produção, para a república é o microclima técnico-científico, a base construtora e científica, os quadros, os salários mais altos e estáveis da população, a construção habitacional em grande escala, o desenvolvimento da infraestrutura social.

PROBLEMAS DA CIDADE E DO CAMPO

ROTEIRO PARA OS URBANISTAS

Foi concluído o trabalho de muitos anos sobre o plano geral do de-desvolvimento de Kichinev para o período até o ano de 2010. Nele são reflectidas as principais exigências da reestruturação da economia e da esfera social, tais como superar as desproporções do último decénio entre o potencial industrial que se desenvolve intensivamente na cidade e a sua infraestrutura social. A estas perguntas do correspondente responde Anatoly Gordéev, arquiteto-chefe da cidade, deputado do Soviete da cidade.

- Da diversidade de tarefas destacámos a principal - a construção habitacional. É uma tarefa complicada. Pois o número de habitantes de Kichinev que é hoje de mais de 660mil habitantes, crescerá para 900 mil até ao ano 2000, e para 1 milhão no ano 2010. Disto resulta que a construção anual de habitações, em média no período em análise, deve atingir 520 e mais milhares de metros quadrados, tendo em conta a construção individual nas zonas suburbanas.

Já para o ano de 1990 planeia-se pôr fim ao problema dos jardins de infância, e para o ano de 1995 - ao problema do abastecimento normativo das escolas. Melharar-se-á consideràvelmente a situação no domínio da construção de edifícios de índole cultural. Mas será muito difícil atingir exigências normativas. Não é totalmente impossível que se manterá parcialmente a escassez de edifícios para a saúde pública e a cultura, o comércio e outros serviços prestados à população. O fraco desenvolvimento da nossa indústria de construção adia a solução destes problemas.

- Quais são as propostas concretas para a resolução deste problema no novo plano geral?

A saída desta situação está na mais ampla utilização na construção do betão armado coado no lugar. A favor dele é o seu baixo custo em comparação com òutros modos, tais como a construção da pedra e dos grandes painéis, e, além disso, ele permite variar amplamente a forma dos edifícios. Vê-se que a estrutura óptima dos trabalhos de construção da cidade é a seguinte: os edifícios dos blocos em grandes painéis - 200 mil metros quadrados por ano, o número igual dos edifícios monolíticos, 100 mil metros quadrados são as casas de pedra construídas de modo económico.

- Que medidas prevê o plano geral para a melhoria do estado ecológico da nossa cidade e da conservação da parte histórica?

- A propósito de ecologia: tem pela frente a tarefa de se aproximar das normas estabelecidas na criação de zonas verdes e abastecimento de água, engaseamento da bacia aérea. Para estes objectivos são destinadas verbas importantes. Conjuntamente com a Academia das Ciências da RSS da Moldávia está a ser efectuada a composição do mapa detalhado ecológico cientificamente argumentado da cidade. No instituto de projectos "Kichinevgorprojecto" compõe-se o esquema da distribuição da vastas zonas arborizadas.

O plano geral prevê medidas radicais tais como a transferência de 86 empresas industriais da zona central da cidade, a transformação da parte alagadiça do rio Bik no lugar do descanso activo dos codadãos de Kichinev, a utilização máxima dum meio de transporte complementar ecologicamente puro e, no mesmo tempo, efectivo como é o carro eléctrico.

Pois Kichinev é anunciada uma cidade histórica, na composição do seu novo plano geral apareceu um documento muito importante: o plano histórico-arquitectónico da parte central. Neste plano são incluídos 1500 edifícios antigos de valor, revelados durante o exame conforme o plano pré-estabelecido de construções históricas de Kichinev. Doravante quaiquer atentado não autorizado contra elas deve ser não só o objecto da censura pública mas também motivo para a mais severa ingerência da procuradoria.

Prevê-se também a reconstrução complexa de inteiros quarteirões e ruas antigas. Mas o que inquieta hoje de verdade é a ausência em Kichinev duma potente organização especializada que possa realizar os intentos e projectos dos nossos restauradores e também responder à vontade unânime dos cidadãos de Kichinev - de conservar e reconstruir o aspecto histórico da cidade.

- "A zona planeada de Kichinev" - o que significa esta noção nova?

- No seu desenvolvimento impetuoso a cidade influencia decisivamente as aldeias que o rodeiam, atrai-as para a sua órbita, transformando-as em povoações-satélites originais. Posteriormente este processo será mais intensivo: pois os cidadãos de Kichinev têm o direito de construir nas aldeias vizinhas casas individuais, também muitas empresas industriais da cidade vão construir aqui seus bairros. Isso significa que na zona planeada de Kichinev limitada convencionalmente por um raio igual a uma hora de ida no transporte urbano também será preciso ocupar-se do urbanismo e de desenvolvimento da construção cultural, e da rede de estradas e de transporte, e das comunicações e medidas da defesa ecológica...

O plano geral de Kichinev foi apreciado e aprovado pela sessão do Soviete urbano dos deputados do povo e ratificado pelo Conselho dos Mi-

stros da RSSM. Este documento que obteve estatuto da lei, tornar-se-á a base segura estratégica para o desenvolvimento posterior bem-sucedido da capital da nossa república.

Anotou Guennady Skvirenko.

VARIANTE MOLDÁVIA DE EMPREITADA FAMILIAR

Pela primeira vez a empreitada familiar foi submetida a uma prova na Moldávia em 1982. Naquele tempo foi um passo corajoso, por isso na união agrário-industrial "Varnitsa" decidiram fazê-lo só devido à necessidade rígida. A união que especializa-se na cultivação , venda e elaboração de legumes estava preocupada com crescente falta da mão-de-obra mesmo na horticultura.

Todos compreendiam as causas deste deficit. A cultivação de legumes é um trabalho difícil, manual de preferência e com a remuneração pouco elevada. Ambas as fazendas do Estado(sovkhoses) da "Varnitsa" ficam logo além do perímetro da cidade industrial Benderi. Por isso nada de surpreendente é que a gente preferia empregar-se nas usinas e fábricas.

Chegou a ponto de nas equipes agricolas trabalhavam 7-10 pessoas em vez de 50 determinadas. Como o resultado - baixas colheitas e mau abastecimento da cidade com legumes frescas. Os sovkhoses por vezes não podiam assegurar o funcinamento contínuo da fábrica de conservas da união. Havia um caso quando da Ásia Central levaram a cebola por aviões para não deixar de funcionar uma das secções da fábrica.

Os sovkhoses mesmos estavam desvantajosos. Neles não realizavam a construção social que, por sua vez, apressava a migração dos habitantes rurais.

A saída deste círculo vicioso sugeriu um grupo de pessoas que no verão chegava para aqui e contratava-se cultivar nalguns hectares a cebola com uma única condição: toda a cebola produzida acima do plano, eles tomam para si. "Acima" era muito mais do que entregavam ao sovkhós. Mexericavam sobre uma certa tecnologia secreta. Os especialistas, ao analizar, chamaram esta tecnologia "de sol a sol".

Mas por que não incumbir a terra aos seus habitantes locais em vez de aos forasteiros? Decidiram experimentar. Botaram anúncios nos jornais.

Não louvaram a "Varnitsa" pela primeira e bastante exitosa experiência da aplicação da empreitada familiar. Ao contrário: uma multidão de inspectores e revisores da capital da república lançou-se para a união. Felizmente, a administração da união mostrou-se firme e não recuou. Eis já o sétimo ano, cada primavera os habitantes da cidade - operários, engenheiros, directóres - apresentam à "Varnitsa" milhares de requerimentos de contratar-se com o sovkhós.

Agora chegam à "Varnitsa" de todos os recantos da república para estudar a experiência da empreitada familiar. A união provou que tal forma da organização do trabalho é altamente eficiente e vantajosa tanto para a empresa agrícola como para a gente.

A trabalhadora da fábrica de conservas Tamara Sidune já o terceiro

ano assina o contrato com o sovkhós. Ela com a família (o marido e dois filhos) toma a obrigação de cultivar e fazer colheita planeada da cebola (7,5 toneladas) na superfície de meio-hectare. O sovkhós, por sua vez, assume a obrigação de fazer todos os trabalhos necessários mecanizados: o plantio, a fertilização, a irrigação.

T.Sidune recebe o dinheiro depois de entregar a colheita ao sovkhós. As condições são seguintes: além da remuneração do trabalho mesmo (ela é igual à dos operários permanentes do sovkhós) deve-se pela colheita feita acíma do plano 15 por cento do seu valor e, além disso, 10 por cento de toda a cebola recolhida que pode-se ser vendida a um centro de abastecimento ou no mercado.

- O que obrigou-a a assinar o contrato? - pergunto a T.Sidune.

- Três anos atrás recebemos o apartamento, queríamos comprar uma nova mobília e necessitávamos do dinheiro. No primeiro ano recolhemos 17 toneladas e ganhámos quase 1200 rublos. Mas no ano passado recolhemos 25 toneladas, por quais recebemos cerca de 2000 rublos e mais 1500 rublos ganhámos da venda da cebola.

Agora é hora de dizer o que levou a empreitada familiar aos sovkhoses. Nás terras onde trabalharam as famílias urbanas, o rendimento médio no ano passado constituiu, por exemplo, de beringelas - 188 quintais métricos por hectare (93 quintais - sem empreitada), de pimentão - 255 quintais (110 - sem empreitada). O rendimento da cebola agora não se pode comparar com o de outras culturas, essa cultura é completamente incumbida aos habitantes da cidade . A empreitada familiar é empregada já mais do que na metade das terras cultivadas. Na "Varnitsa" consideram que as possibilidades ainda estão muito longe de esgotadas. Mas já agora é evidente: esta forma da organização do trabalho permite baixar o preço de custo, elevar o rendimento e a qualidade de produção.

Ambos os sovkhoses da união tornaram-se rendosos. Benderi agora é uma das cidades muito bem abastecidas em legumes frescas na república.

Liudmila Ribkina
(APN)

A JUVENTUDE HOJE

ACCTJ: BUSCA DE NOVAS POSSIBILIDADES

Há pouco em Kichinev surgiu o Centro interramo da actividade criadora científico-técnica da juventude (ACCTJ), uma organização dedicada a dar a possibilidade aos jovens de revelar-se em vários ramos da ciência e técnica e de criar condições para o mais efectivo aproveitamento do potencial criador da juventude da solução de tarefas económicas vitais. Que provocou a necessidade da criação dele? O jornalista V.Jagubets responde a esta pergunta no seu artigo publicado no jornal "Juventude da Moldávia".

O sistema da actividade criadora científico-técnica da juventude - ACCTJ - que há pouco recebeu o estatuto oficial do sócio-estatal, existe já bastante muito. Ao aparecer nos tempos agora tal chamados "período de estagnação", este assimilou muito depressa todos os atributos formais-burocráticos daqueles anos. Mas a actividade criadora dos jovens não necessita (não pode necessitar!) de quaisquer indulgências morais. Por isso confessamos a culpa: ela, como o movimento em massa, não existia. Haviam certos entusiastas-solitários, o aparecimento dos quais provocava uma explosão habitual das relações vitoriosas, quando certas conquistas faziam passar pelo resultado do trabalho sistemático.

- Este natimorto do progresso existiu até ao tempo recente. Tornou-se claro: não se pode continuar mais, por que o sistema criado só no papel, só para o relatório, sem verdadeiro interesse, tem as possibilidades não realizadas, perdidas. Desta maneira, ao dominar trite experiência dos erros passados, um grupo de entusiastas criou o Centro da ACCTJ construído nos novos princípios, e em primeiro lugar - na autogestão financeira e na autonomia administrativa.

- Pois bem, de que se ocupará o Centro da ACCTJ? - pergunto ao director Eugénio Kovarsky.

- Muitas empresas têm problemas que não podem resolver com as suas próprias forças. Não há especialistas necessários ou eles estão assoberbados do serviço. Acontece que a gente só necessita do "olhar de fora". Então o Centro está pronto a ajudar. Neste caso ele apresenta-se na qualidade do intermediário entre o cliente e o executor.

- Quem são estes executores?

- Especialistas. E nem obrigatoriamente que que sejam jovens. Qualquer censo de idade não existe. O principal é que tenha a cabeça. Mas em princípio o Centro orienta-se na juventude. Queremos que ela tenha a possibilidade de encontrar a ocupação para si por gosto. Sendo que a nível que não deixará indiferente nenhuma ambição. Veja, para a actividade social a juventude necessita a envergadura. Mas até agora não a temos.

Antes diziam - os acelerados. Agora dizem - os infantis! Antes

desfaziam-se em cuidados pela juventude, preservando-a quase que dela mesma. Agora - repreendem, ao enxergar afinal no meio dela mundo de problemas.

Entrementes os jovens unem-se nas uniões informais, quer dizer, que não existem no papel mas sim na vida. Na sua maioria são os jovens a quem não convém a envergadura da actividade que lhes propõem. Necessitamos mesmo deles. Não digo sobre os "liuberes" ou os "aquariumistas" mas sim sobre aqueles quem queira pôr-se a trabalhar, que trabalhem além disso com mãos é cabeça.

Temos tais jovens. Testemunham isso as propostas que recebemos constantemente. Por exemplo, a proposta de realizar os trabalhos hidrotécnicos de prospecção ou a de computadorizar as escolas. Em breve deveremos desdobrar a campanha de publicidade para assegurar a mais ampla afluência daqueles quem desegem trabalhar com os nossos temas. Diferentemente das cooperativas que temem a concorrência, poderemos manifestar-se como uma força organizada, apoiando-se na informação passada da juventude de toda a república.

Além disso, e o que é muito importante, o Centro ajudará a juventude a resolver os seus problemas materiais.

- Que o Centro espera de outras organizações juvenis?

- Elas têm grandes possibilidades para os contactos conosco. Mas é pena que estas fiquem frequentemente não realizadas.

No fim do ano passado realizámos o questionário de duzentos jovens especialistas das fábricas "Stchetmás", "Mesone", "Plodselkhósmás". Só 10 por cento deles reconheceram como óptima a prganização da ACCTJ nas suas empresas. 64 por cento deles avaliaram-na "insatisfeito". No questionário havia também a seguinte pergunta: Se conhecem os problemas candentes da sua empresa? E muito sintomático que muitos responderam negativo. Mas é necessário conhecer todos os problemas de produção. E tentar resolvê-los. Se não sai bem - sejam bem-vindos ao Centro.

Agora pensamos criar os filiais. Estes, segundo a nossa ideia, serão os de produção ou de um só ramo. A tarefa deles é de procurar os clientes e a possível aplicação de forças, de assinar os acordos. Segundo os nossos cálculos a soma aproximada de trabalhos pelos acordos económicos do filial é de 100 mil rublos por ano. Para nós isto não é muito. Já agora a nossa pasta de encomendas "custa" 330 mil rublos.

- Qual será o número da administração do Centro?

- Além de mim e do meu substituto, 2 guarda-livros, 2 economistas e um jurista. A propósito, já temos dificuldades da adequada do pessoal. Até agora não posso seleccionar o guarda-livros-chefe. Todos, como se combinassem, perguntam: "Não fecharão o vosso Centro?". Eis o sinal característico do tempo: a gente continua a procurar quaisquer outras garantias além da qualidade do trabalho próprio.

COMERCIANTE DO KOMSOMOL

O lornalista N.Uralov palestra com V.Gritzik, presidente da cooperativa juvenil "Graça", secretário da célula do Komsomol da união de produção "Stiaua Rochie".

- É surpreendente como são opostos por vezes os pontos de vista acerca das cooperativas. Uns manifestam-se decididamente por elas, decapitam sem pensar muito "a hidra do burocratismo". Outros com a mesma paixão afirmam que as cooperativas "nos esfolam" e "recebem a renda legitimada". Qual é o teu ponto de vista?

- Estou convencido: necessitamos de cooperativas. Certo é que há cooperativas e cooperativas. Falando francamente, por enquanto há gente que aproveita a situação desfavorável no mercado e inquieta-se pouco pelos compradores, impõe-lhes uma produção de baixa qualidade. Apesar de tudo, a maioria esmagadora de cooperativas ajuda á resolver sérias tarefas económicas e sociais, do que se trata também na nova Lei sobre a Cooperação. Parece que esta lei pôs todos os pontos nos ii.

Os membros da nossa cooperativa são jovens costureiras, engenheiros, construtores. Queremos provar que podemos produzir artigos de óptima qualidade. Além disso queremos fortalecer a base financeira da nossa organização do Komsomol. Uma parte dos nossos recursos transferimos ao comité do Komsomol da empresa e ao Fundo da Iniciativa Juvenil.

A "Graça" já agora traz lucro sólido. E o principal é que a juventude sentiu a atracção à economia prática, ao vivo trabalho útil na cooperativa de produção.

- A vossa produção - meias-calças- goza agora de grande procura. Mas, o quanto sei, os empregados do comércio encontraram-na primeiramente de sobreaviso.

- Dissipamos rapidamente todas as dúvidas, concluímos contratos com a união do comércio de comissão, com as lojas especializadas "Remeslo" e "Maritsa". A cooperativa amplia constantemente o seu mercado, ganha a confiança dos consumidores. Funcionamos em geral pouco, mas não havia reclamações à qualidade. Se as meias-calças não são do gosto por quaisquer causas, trocamos sem perder tempo em conversas.

- Falando sinceramente, é difícil compreender de que maneira vocês conseguem produzir artigos de alta qualidade das matérias-primas incondicionais.

- Sim, utilizamos as matérias-primas incondicionais. Por isso todo o recurso consiste na mestria dos membros da cooperativa. Os nossos especialistas recorrem a várias astúcias, escolhemos o fiado a mão o mais escrupulosamente possível. Certo é que tudo isso aumente fortemente a quantidade do trabalho. Mas, infelizmente, boãs matérias-primas estão

em deficiência. A mesma união "Stiaua Rochie" sofre por vezes das faltas delas.

- Quer dizer que a empresa, junto da qual é criada a vossa cooperativa, não tem grande interesse em que a cooperativa abra as asas?

- Sim, estamos mais abandonados à sua sorte. Verdade é que a união ajudou-nos a comprar o equipamento. Más, como antes, as dificuldades sobram. Contudo, sublinho, é vantajoso para "Stiaua Rochie" cooperar conosco. Por exemplo, a união vende a nós as matérias-primas em preços a varejo mas nem por atacado.

- Têm vocês a intenção de estabelecer contactos directos com os fornecedores de matérias-primas?

- Temos essa ideia. Poderemos aproveitar mais amplamente outras possibilidades prestadas às cooperativas: a participação nas exposições e feiras, etc.

LITERATURA E ARTE

DEPOIS DE LONGAS PROIBIÇÕES

Os filmes tirados da "estante", os quadros extraídos dos fundos de reserva, os romances escritos há I5, 30 ou 50 anos atrás e só agora acessíveis para o amplo auditório de leitores - tudo isto indícia mudanças em curso numa das mais importantes esferas da vida da sociedade - a espiritual.

O jornalista D.Mikhailov debruça-se no jornal "Sovetskaia Moldavia" sobre o papel da cinematografia nas condições da "glasnost" e de democratização da sociedade.

Actualmente, é muito grande a responsabilidade do cineasta pelas suas obras. Cada argumentista sabe que a palavra escrita deve ser honesta e provada, porque só tem valor o que vem das profundezas da alma. A "glasnost" e democratização permitiram hoje aos cineastas dos Estúdios "Moldova-film" virarem-se para os problemas reais da vida actual do povo, o que não se conseguia realizar antes. Impediam-no a tutela excessiva em relação à actividade das uniões artísticas e a pressão de diferentes ministérios sobre a direcção da União de Cineastas da Moldávia e os Estúdios. Hoje, a União tem uma nova direcção que cria condições para o mais rápido renascimento das melhores tradições do cinema moldávio. Deste modo, os cineastas da república obtiveram a possibilidade de organizar em novos moldes o processo criador em "Moldova-film": são convidados jovens realizadores, argumentistas e actores talentosos para rodarem os filmes; são organizadas discussões abertas entre os cineastas e os representantes de outras esferas da cultura.

A União de Cineastas da Moldávia efectuou a conferência "Ciência e Moral", em que estiveram também presentes cientistas da Academia das Ciências da Moldávia. Depois da apresentação e discussão de alguns documentários, os últimos responderam às perguntas dos cineastas sobre os problemas ecológicos, económicos e linguísticos.

Um outro exemplo. Talvez não tenha aparecido antes alguém a quem ocorresse a ideia de apresentar aos membros da União um jovem realizador que se prepara para rodar um filme

nos nossos Estúdios. Considerava-se que a direcção sabe melhor quem e o que roda. Hoje, mal acordaram sobre a adaptação cinematográfica a ser realizada por David Natsichvili do romance "A Dor" do prosador moldávio Vladimir Bechliague, foi imediatamente organizado um encontro com o realizador na Casa de Cinema. Durante o encontro, além de verem os trabalhos anteriores de Natsichvili, os presentes foram postos ao corrente das ideias da rodagem do futuro filme.

Ainda este ano, a União de Cineastas efectuou uma conferência científico-prática acerca do estado actual e tendências de desenvolvimento do cinema moldávio, em que tomaram parte também críticos de arte e colaboradores científicos de Moscovo e da Ucrânia. A conferência, assim como outras acções empreendidas pela União, constituem medidas concretas no difícil caminho até ao espectador que espera dos cineastas moldávios filmes-acções, filmes-revelações e filmes-testemunhas da vida.

COMPOSITOR OU ADMINISTRADOR

Konstantine Rusnak é um compositor conhecido. Há quatro anos admirou aqui o mundo musical, ao aceitar a proposta de ocupar o cargo de reitor do Conservatório de Kichinev. Muitos consideram que o cargo do administrador, devido à falta de tempo, exclui a possibilidade de compor música. Há quem alegue também que ser administrador e ao mesmo tempo um nome nas artes é incompatível.

O jornalista Anatoli Guendiu conversa com Konstantine Rusnak, reitor do Conservatório.

- Tanto na república, como fora, é conhecido até agora como compositor. Conte como foi o seu caminho de compositor a reitor do Conservatório.

- Depois de ocupar o cargo de reitor, não deixei de compor música. Há quatro anos, o Conservatório foi separado do Instituto das Artes e obteve a possibilidade de se desenvolver e agir independentemente. No Ministério da Cultura entenderam que o cargo dirigente deste estabelecimento de ensino superior deve ser ocupado, em geral, por pessoa não só próxima da Arte, mas precisamente por um compositor.

- A seu ver, qual a razão que levou a que a proposta recaísse precisamente sobre si? Foi uma surpresa para muitos.

- O trabalho de que me ocupava antes esteve ligado à cultura. Fiz parte do colégio repertorial do Ministério da Cultura, vindo a assumir a chefia e mais tarde tornei-me vice-ministro da Cultura. Embora sempre ocupado, continuei a compor. O cargo administrativo não me burocratizou. Além disso, quem, a não ser o compositor, compreenderá o futuro compositor, cantante ou maestro? Pelos vistos, foram todos estes factores que influenciaram a minha nomeação.

- O que o atrai nas suas novas obrigações? Quer ajudar os estudantes? Ouvi falar que você foi o primeiro reitor da república a libertar os alunos dos trabalhos no kolkhoz, motivando-o assim: como pode o violinista ou o pianista tocar depois do trabalho no campo?

- Quando recusei a enviar os estudantes para kolkhozes,

parti não só destas posições. A meu ver, cada pessoa deve ocupar-se do seu assunto concreto. Não se deve admitir que o sapateiro faça pastelões... O estudante é obrigado a utilizar o tempo de estudo para os devidos fins. Mas isto não quer dizer que proibi os estudantes de trabalharem. Podem ter um emprego em "part-time" ou permanente numa cooperativa ou numa empresa estatal e ganhar dinheiro nas horas nocturnas, depois das aulas.

Sobre a minha ajuda aos estudantes queria dizer que antes de ocupar o cargo de reitor julgava que é necessário estabelecer no Conservatório a ligação entre as pessoas e atingir uma óptima coordenação de trabalho entre o corpo docente e os estudantes.

- Que via optou?

- Não só eu, pois a direcção e os professores devem realizar o trabalho em conjunto.

- Mas a última palavra cabe sempre a você?

- Não sou adepto do estilo ditatorial no trabalho. O meu princípio é persuadir os colaboradores. Guiamo-nos pelo estilo cooperativista. Cada um deles é uma individualidade no seu lugar e nós somos pelo desenvolvimento da individualidade.

- Dizem que logo do início despediu do Conservatório alguns colaboradores indesejáveis...

- Não sou partidário de semelhantes declarações gerais. Se despeço alguém, acho necessário comunicar o motivo, bem como explico a razão por que estas medidas não foram tomadas em relação à pessoa que continua a desempenhar as suas funções. Caso contrário, toda a vida será constituída por contínuas reticências que no final de contas levarão ao medo. Não gosto do medo, pois mata a fantasia e o pensamento.

- Actualmente, o Conservatório tem problemas?

- Sim, e não são pequenos. O primeiro é a falta de quadros e o segundo, a falta de estudantes. A maioria dos formados nas escolas musicais vai trabalhar como professores. E nós somos obrigados a admitir no Conservatório os jovens de outras repúblicas, que preferem, depois de se graduar, regressar à terra natal. Como resultado, na Moldávia ficam anualmente só cerca de sessenta jovens especialistas, o que é muito pouco. Agora tanto os pais como os professores do ensino secundário

exigem que as aulas de Música nas escolas secundárias sejam dadas por especialistas com formação superior.

- Acha, que algum estudante do seu Conservatório se tornará laureado do Concurso Tchaikovski?

- Não posso dár uma resposta concreta a essa pergunta. Mas temos laureados do Concurso Čiurlionis, do Concurso Nacional de Músicos de Instrumentos de Sopro, bem como premiados no Concurso Nacional de Músicos de Instrumentos de Corda.

"PERESTROIKA" PARA A REVISTA

A tiragem da revista literária "Nistru" até 1986 não ia além dos 3000 exemplares. No ano passado, a redacção não recebeu sequer uma carta. Por outras palavras, podemos chamar a "Nistru" revista-bancarrota. Nos inícios deste ano, por insistência da maioria dos escritores moldávios, o redactor da revista foi substituído, tendo sido nomeado o ,escritor-publicista Dumitru Matkovski, pessoa decidida e progressista. Actualmente, apesar do aumento da tiragem, é impossível comprar a revista, que não satisfaz o crescendo da sua procura. O jornalista Leo Botnaru conversa com o redactor principal da "Nistru".

- Que sentiu depois de se tornar redactor da revista?

- Pelos vistos, não vale a pena falar das emoções. Tinha muitas ideias, mas, no fim de contas, tudo reduzia ao seguinte: há que transformar a "Nistru" numa revista popular não só entre os escritores, mas também entre a população. Ao perder a ligação ao leitor e a sua popularidade, a revista ficou desacreditada. E nós, colaboradores da "Nistru" interrogávamo-nos a nós próprios: por que ocorreu isto? e que fazer?

Nas décadas de 70 e 80 a revista publicava obras cujo destinatário não era o povo, mas certas pessoas. Escreviam-se hinos, odes e romances que não eram lidos por ninguém. Por vezes, o colégio redactorial também recebia boas novelas e contos, mas eram atirados para o cesto dos papéis ou "redigidos" a ponto de ficarem irreconhecíveis.

Ao aceitar o cargo de redactor, receava que fosse impossível transformar a "Nistru" numa revista popular. Primeiro, pareciam-me poucas as forças; segundo, até aqui a norma era a prática de proibições. Iremos lutar contra ela.

- Você falou das razões que tornaram a revista pouco popular. Que foi necessário empreender para a revista ganhar o prestígio perdido?

- Escolhemos um novo colégio redactorial, integrado não por consultantes "leáis", como dantes, mas por pessoas que apoiam mudanças no país. Anteriormente, o colégio redactorial concordava em tudo com a opinião duma única pessoa, que estava

ao corrente de todos os assuntos, conhecia as disposições e desejos dos seus chefes, e por isso a sua opinião era autoritária e indiscutível.

- Em que consiste a "perestroika" para a redacção da sua revista?

- Cada colaborador da "Nistru" deve mudar a sua atitude para com os problemas colocados perante a revista. Resolvendo-os não deve ter medo da espada de Dâmocles que há pouco pairava sobre nós, mas que não existe actualmente. As pessoas ainda têm medo, por isso há ainda poucos que decidissem lutar contra os burocratas locais.

Hoje, os escritores dizem que a nossa juventude conhece pouco a cultura da Moldávia. Entre os jovens surgiu mesmo uma atitude de desdém para com a literatura. Uma das causas disso é que ainda não aprendemos a dizer a verdade em voz alta...

- Talvez isto esteja relacionado com aqueles fenómenos negativos que se registaram ao longo do último decénio no desenvolvimento, estudo e funcionamento da língua moldávia? Que fazem os escritores para corrigir o estado existente?

- Pela primeira vez, os escritores discutiram abertamente os problemas da língua nacional no plenário da União de Escritores, dedicado às relações entre as nações, que decorreu no ano passado. No centro de intervenções dos escritores esteve a situação concreta existente na república. Foi proposto introduzir a língua moldávia nos infantários, aperfeiçoar os programas de língua e literatura moldávia nas escolas e estabelecimentos de ensino superior, bem como popularizar a língua materna na vida quotidiana. Foi só o início. Penso que os poetas e prosadores se ocuparão destas questões e posteriormente os cientistas, os funcionários dos ministérios da Instrução Pública e da Cultura e os académicos tomarão parte na solução destes problemas. As pessoas a quem estas questões tocam directamente - professores, jornalistas e estudantes - reagem mais activamente. A testemunhá-lo temos as publicações sobre os problemas da língua no seminário literário "Literatura chi Arta". A revista "Nistru" também começou a publicar os materiais que apoiam as propostas avançadas no plenário. Esperamos que agora as nossas preocupações coincidam com as do povo em relação ao estado da língua e da cultura nacional.

- Uma última pergunta: que trabalhos, à partida, não publicarão na "Nistru"?

- Os que forem rejeitados pelo colégio redactorial, poemas sobre o nada, poesias escritas apenas pelo prazer de escrever, artigos que não contêm análise de problema algum.

Já que na nossa república não existem temas proibidos à discussão, penso que a Redacção receberá no futuro materiais interessantes e polémicos.

O NOVO NA VIDA DAS MINORIAS NACIONAIS

Em Fevereiro de 1986, foram transmitidas pela rádio novas poesias e novelas, recitadas no serão de literatura gagauza e búlgara, efectuado na capital da Moldávia Soviética. Além dos programas de rádio transmitidos para as regiões do sul da república - os gagauzes e búlgaros vivem principalmente ali - iniciaram-se as transmissões televisivas nas línguas destes povos.

A história do aparecimento dos gagauzes e búlgaros na Moldávia remonta de há séculos. Actualmente, o número de gagauzes ronda os 140 mil habitantes, ou seja, 3,5% da população. Várias dezenas de milhar de representantes desta nacionalidade vivem também em alguns países balcânicos, nomeadamente, na Bulgária e na Roménia. O número de búlgaros na Moldávia ascende a 80 mil, ou seja, 2% da população.

As maiores mudanças na vida destes povos da república deram-se no tempo do Poder Soviético. Os gagauzes que no passado não tinham a sua escrita própria e, na sua maioria, eram analfabetos, vêem agora editados livros na sua língua, têm os seus escritores, poetas, médicos, pintores, compositores, engenheiros, colectivos dramáticos e de dança, conjuntos folclóricos e vocais. Na aldeia de Bachalma foi criado o museu de etnografia e história dos gagauzes, único no mundo. Lá estão patentes ao público objectos singulares relacionados com a história e cultura deste povo de origem turca.

Na década de 50, graças aos esforços dos intelectuais gagauzes foi criada a escrita nacional. Hoje, na Moldávia, são bem conhecidas as obras dos poetas e prosadores gagauzes: Dioniss Tanassoglu, Dmitri Kara Tchoban, Stepan Kuroglu, Nina Kessia, Nikolai Baboglu, Gavril Gaidarji, Konstantine Kretsu.

Para os búlgaros que vivem na Moldávia, é editada uma série literária especial de poetas e prosadores búlgaros. Os representantes deste povo lêem na língua materna os livros de poesias e contos de Piotre Burlak-Vilkanos, Niko Stoianov (as suas obras foram editadas em diferentes jornais e revistas búlgaros; o poeta é o autor do abecedário para as crianças búlgaras "Um Buquete para a Mama"), traduções de obras de autores moldávios, russos e ucranianos.

O MEU "REBE"

Ihil Schreibman é o primeiro escritor judeu da Moldávia que escreve em ídiche. Todos os jovens literatos judeus da república recebem conselhos de Ihil Schreibman - o seu "rebe" (professor).

(Condensado do jornal "Molodej Moldàvii")

Enchi-me de coragem e atrevimento e fui ter com ele, pessoa experiente e famosa. No fim de contas, cada principiante cede na tentação de mostrar a alguém os seus trabalhos, as suas obras-primas ainda desconhecidas.

É impossível ensinar alguém a criar. Cada artista, como diz Ihil Schreibman, tem os seus próprios segredos, as suas próprias pérolas encontradas no meio do lixo. Porém, um mestre leva consigo os segredos da arte para a eternidade, enquanto o outro compartilha deles com os seus discípulos.

Para cada um de nós, seus discípulos, Ihil Schreibman é, antes de mais, o verdadeiro artista. Por isso, nos apressamos a obter o seu conselho e a escutar a sua opinião.

- É claro que lhe poderia dizer que tudo está bem e que gostei da obra para me livrar dele. Pois, para quê preocupar-me tanto? Mas isto preocupa-me, porque outra atitude para com a literatura não é a minha atitude. Antes de mais, Tolstoi exigia do artista duas coisas - a verdade e a naturalidade. Penso que podemos acreditar em Tolstoi, não acha?

Passei por casa de Ihil Schreibamn por alguns minutos, só para vê-lo, mas não reparei como este par de minutos demorou um par de horas.

Durante os anos da nossa amizade, dele ouvi muitas histórias. A maioria delas são novelas orais acabadas. Podem, com certeza, ser lidas no palco. Cheguei a ouvir algumas várias vezes e em diferentes ocasiões. Era curioso que cada vez soavam de modo diferente: apareciam novos pormenores e matizes, algo se cortava e algo se acrescentava. Contando-as, ele trabalha, ou seja, "escreve".

Saímos de casa dele juntos. Schreibman recordava a sua chegada a Kichinev no Verão de I940, quando a Bessarabia (actualmente Moldávia) se tornou soviética, bem como o seu primeiro encontro com Itsik Fefer.

- Oh! Itsik Fefer! Foi o primeiro escritor judeu soviético que vi. Esbelto, com o uniforme de comandante do Exército Vermelho. Não me decidia a aproximar-me dele - quem era ele e quem era eu. No entanto, ele, Itsik Fefer, ouviu falar de mim. "Ihil Schreibman? Li o seu artigo no 'Morgenfreiheit'..." Si-i-im... Itsik Fefer! Bergelson! Der Nister! Markich! Kvitko! (escritores judeus soviéticos mortos durante as repressões de 1952). Mártires!

Schreibman contava, e as histórias da sua própria vida, vividas por ele próprio abriram inesperadamente perante mim um pouco daquela enorme tragédia que ocorreu a milhares de pessoas da sua geração, sobre a qual a nossa geração não sabe quase nada.

Começava a entardecer. No ar sentiu-se novamente o alento húmido do Inverno, impregnado de gases de escape. As ruas tornaram-se mais agitadas. A gente regressava do trabalho. Passava pelas lojas. Estava na bicha para comprar jornais, amontoava-se junto das portas dos troleicarros e autocarros. Apressava-se a chegar a casa.

Tive a sorte de ser dos primeiros a quem Ihil Schreibman leu o seu conto "Uma Ruazinha de Rachkov", dedicado a Mark Chagal.

- Imagine só! Ao trabalhar sobre este conto, via sempre os quadros perante os meus olhos. Já a noite ia longa quando terminei de escrever o conto, e de manhã soube inesperadamente: há algumas horas morreu Mark Chagal.

Tal como nos quadros de Mark Chagal, no conto de I. Schreibman o real é misturado com o fantástico ("o anjo da imaginação trouxe ao mundo um saco de histórias nas suas asas. Este saco ficou preso a uma pedra afiada na alta montanha de Rachkov, rasgou-se e todas as histórias se derramaram por toda a parte"), e o fantástico com o real "Ai! Ai! O coração parte-se em pedaços e surge um nó na garganta. Se não fosse a guerra! Se não fossem esses monstros nazis!..."

O escritor descreve uma ruazinha da sua infância, mas na tela adivinham-se ruazinhas de todas as povoações da Bessarabia.

Onde, a não ser na casa de infância, podemos olhar para o caminho percorrido. A casa é o cume moral para cada pessoa. Ali podemos pedir perdão ao passado e prever o futuro.

- Sinto-me bem quando me sinto mal. Por que o digo? Quando não estou em condições de trabalhar, quando me sinto esgotado e de noite não posso cerrar os olhos, ocorrem-me pensamentos negros: que fiz ao longo da minha vida? Será que aperfeiçoei um pouco com o meu trabalho este mundo torcido?...

Está sentado, pensativo, apoiando-se sobre o espaldar da cadeira.

- Não. Quando uma pessoa se sente bem, é tudo bom para ela, tudo lhe convém. O escritor tem que sentir a dor. Quando a sente, sente mais a dor dos seus protagonistas.

A conversa com Ihil Schreibman prossegue. E cada vez que se aproxima da escrivaninha e se senta na cadeira, ao desatar o nó das histórias, encontro sempre "um pequeno cartucho com sal", que o meu "rebe", o meu professor, me deu para o caminho literário...

Boris Sandler,
escritor judeu soviético

COOPERAÇÃO: PARIDADE E VANTAGEM MÚTUA

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DA RSS DA MOLDÁVIA: ALARGAMENTO DAS FUNÇÕES

Ultimamente, no correio dos leitores há cartas, cujos autores se interessam pela actividade do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RSS da Moldávia. A redacção do jornal "Sovetskaia Moldavia" dirigiu-se a Piotre Komendant, ministro dos Negócios Estrangeiros, para que respondesse a algumas perguntas.

- Quais as principais funções do MNE da Moldávia e por que se guia na sua actividade?

- Conforme a Constituição da RSS da Moldávia, à república são concedidos amplos direitos na esfera das relações exteriores - estabelecer relações com outros Estados, celebrar com eles acordos, efectuar o intercâmbio de representantes diplomáticos e consulares, participar nas actividades das organizações internacionais. Pelo facto da União Soviética conduzir uma política externa una, a república transferiu algumas questões para a competência do Governo Soviético.

Os funcionários do Ministério tomam parte em diferentes fóruns internacionais, nas negociações e trabalhos que visam a celebração de acordos e convénios que dizem respeito à Moldávia. Os nossos representantes fazem parte da Comissão da URSS para os assuntos da UNESCO, participaram nos trabalhos da 38.ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas e trabalham nas embaixadas soviéticas em vários países.

Um dos importantes aspectos da actividade do MNE da Moldávia é o estabelecimento e desenvolvimento das relações de amizade entre a república e outros Estados no quadro das relações da URSS com um ou outro país.

Sob o signo da "perestroika", o MNE da Moldávia desenvolve uma actividade nova, que é a prestação da ajuda aos ministérios, organizações e empresas da república no estabelecimento e aprofundamento das relações directas com os parceiros estrangeiros.

Foram já dados os primeiros passos nesta esfera importante. Prestámos e continuamos a prestar uma grande ajuda ao Comité Estatal Agro-Industrial, aos ministérios da Indústria de Móveis e Madeiras, da Cultura, do Comércio e outros da nossa república. Na nossa actividade de cooperação, desenvolvemos

as relações com diplomatas acreditados na União Soviética e promovemos visitas destes à Moldávia. Assim, por exemplo, Ilie Gueorguiev, cônsul geral da República Popular da Bulgária em Odessa (Ucrânia), apresentou uma série de propostas concretas no sentido de alargar a nossa cooperação. Nomeadamente, durante a sua visita à empresa de computadores pessoais que se está a construir em Kichinev, propôs estabelecer relações directas com o colectivo duma empresa análoga da cidade búlgara de Pravets e convidou os especialistas moldávios a visitar a empresa durante o ano de I988.

- Que faz o MNE da Moldávia para satisfazer o interesse da opinião pública estrangeira pelo processo de reestruturação no nosso país?

- O interesse invulgar e a procura de informação sobre o nosso país devem-se, antes de mais, às realidades políticas dos últimos tempos. Primeiro, são o XXVII Congresso do PCUS, o Plenário de Abril (I985) e outros plenários do CC do PCUS. Segundo, são as iniciativas da paz sucessivamente apresentadas e a realização de acções construtivas, que constituem um programa íntegro de libertação da humanidade das armas nucleares até ao ano 2000 e de criação dum sistema universal da segurança internacional.

A opinião pública estrangeira manifesta interesse não só pela União Soviética em geral, mas também pelas mudanças que se operam em todas as repúblicas federadas, incluindo a Moldávia. O MNE da Moldávia faz os possíveis para que os estrangeiros, que visitam a nossa república, recebam uma informação completa sobre as mudanças em curso tanto no país, como na república. Mensalmente enviamos o boletim de informação da república, composto com base em materiais da imprensa, a uma série de representações diplomáticas acreditadas em Moscovo, Kiev e Odessa.

- Quais as funções do MNE em questões consulares?

- Actualmente, a URSS mantém relações consulares com mais de cem países. O nosso Ministério tem que se ocupar de um amplo espectro de assuntos consulares. Posso enumerar alguns deles. É a resolução permanente de problemas relativos ao serviço consular a prestar à cooperação científico-técnica, interpartidária, económica, cultural, etc. da república com

os seus parceiros estrangeiros. Desde meados do ano passado que todas as formalidades relacionadas com a entrega de passaportes aos cidadãos da república para viagens de serviço ou turismo aos países socialistas foram completamente transferidas pelo MNE da URSS para o MNE das repúblicas federadas.

Mantemos correspondência consular através das representações soviéticas e estrangeiras com quase todos os países que têm relações diplomáticas com a URSS.

Outra função importante da actividade consular do MNE é o despacho de requerimentos para residência temporária ou permanente na Moldávia, apresentados por cidadãos estrangeiros e pessoas sem cidadania, inclusive ex-cidadãos soviéticos.

AMPLIAM-SE AS RELAÇÕES COM A HUNGRIA

Passaram cinco anos desde o estabelecimento das relações directas entre os ministérios, instituições e organizações económicas entre a Moldávia e a Hungria. Durante este período cresceram a cooperação científico-técnica e o intercâmbio dos especialistas entre os centros científicos e empresas, foram criadas as condições para o melhoramento qualitativo das relações económicas e comerciais.

As negociações sovieto-húngaras sobre o desenvolvimento da cooperação económica, que tiveram a participação de Ferenc Bart, Secretário do Estado do Ministério do Comércio da República Popular da Hungria, e de Vladislav Kutirkine, Vice-Presidente do Conselho dos Ministros e Presidente da Comissão do Plano da RSS da Moldávia, e decorreram nos inícios deste ano, culminaram com a assinatura do Protocolo.

Foi acordada a necessidade de prestar apoio e ajuda na implementação de novas formas de cooperação entre as empresas e instituições húngaras e moldávias, bem como na ampliação considerável do intercâmbio comercial.

"Sovetskaia Moldavia"

TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CONSERVAS COOPERAM

Três fábricas de conservas do Comité Estatal Agro-Industrial da Moldávia estabeleceram relações directas com empresas análogas da República Popular da Polónia. Nos protocolos assinados para o período até ao ano de 1990 está prevista a resolução conjunta dos problemas económicos e tecnológicos e a ampliação da cooperação.

Os especialistas destas empresas concordaram em realizar o intercâmbio da informação científico-técnica e da documentação. Eles consideram que a utilização pelos parceiros das soluções técnicas provadas é o caminho que ajudará a evitar despesas desnecessárias com a importação ou com o "invento da bicicleta".

Nos planos de cooperação foi incluída a proposta duma empresa polaca de enviar equipas de trabalhadores durante os tempos de ponta de processamento de legumes, o que, devido às diferentes condições climáticas da Moldávia e Polónia, recaem em épocas diferentes. Isto permitirá aos parceiros organizarem três

turnos no período de trabalho mais intenso sem recorrerem à mão-de-obra não qualificada.

Os trabalhadores das empresas de conservas de Grigoriopol (Moldávia) e Pudliszki (Polónia) concordaram não só em trabalhar, mas também descansar juntos pela via do intercâmbio das guias de estadia em casas de repouso e de cruzeiros turísticos, assim como em acampamentos de pioneiros para crianças.

A fábrica "Oktiabr" da união de produção de Slobodzei e a fábrica de conservas de Kalin também estabeleceram relações mutuamente vantajosas com colegas polacos.

À PROCURA DO PARCEIRO

Igor Tronine, correspondente do jornal "Sovetskaia Moldavia", e Anatoli Bolchakov, director geral da união de produção "Totchlitmach", conversam sobre o desenvolvimento das relações económicas externas e sobre os primeiros passos das empresas mistas.

- A criação de empresas mistas com a participação de capital estrangeiro é para nós uma nova forma de relações económicas com o exterior. A sua empresa realiza actualmente um grande trabalho neste sentido. Podemos falar já de alguns resultados?

- Há dois meses foi assinado um acordo com a firma "Main Group" sobre a criação na cidade de Tiraspol duma empresa mista soviето-italiana "Tirpa" (primeiras letras de Tiraspol e Pádua).

As boas relações de produção com esta firma italiana datam de 1983, quando adquirimos a licença de fabrico de calçado de materiais poliméricos em linhas automatizadas. Actualmente, estas máquinas são produzidas em série. Dezenas de empresas soviéticas são equipadas com elas e o calçado fabricado goza de grande procura.

A par disso, surgiram muitos problemas. Em particular, surgiram dificuldades com as peças sobressalentes, a tecnologia carece de aperfeiçoamento. Porém, preocupava, antes de mais, o problema da qualidade dos moldes, de que dependem muitas coisas - o modelo, o aspecto e a boa qualidade do artigo. O seu fabrico era o processo mais complexo e exigia muito trabalho manual minucioso. Mas apesar de tudo, conseguimos organizar a produção de moldes na nossa empresa, o que permitiu poupar uma quantidade considerável de divisas.

Para o desenvolvimento da indústria de calçado são necessários, no mínimo, 15 mil moldes anualmente, mas a sua produção não satisfaz 10% das necessidades. A empresa soviето-italiana "Tirpa" procura melhorar a situação.

- Fale do contributo de cada uma das partes. Existe alguma regulamentação severa para ambas as partes?

- Há só uma regra obrigatória: a parte soviética deve

deter no mínimo 51% do capital. A forma como estas quotas serão realizadas, resolver-se-á de comum acordo. O nosso contributo é facilmente prognosticado.

Cabe-nos fornecer áreas de produção, equipamentos e materiais. O pessoal da empresa, ou seja, os recursos laborais também são uma obrigação nossa.

Os nossos parceiros fornecerão o equipamento e materiais não produzidos no nosso país, entregarão à "Tirpa" novas tecnologias, uma parte do pessoal, etc., assim como recursos monetários e créditos.

Em primeiro lugar, aceitamos criar a empresa mista para fabricar artigos da moda e de boa qualidade para os soviéticos. Mas isto não exclui a exportação destes artigos para outros países. Por isso, uma determinada parte da produção será vendida no estrangeiro, e o lucro em divisa será distribuído entre as partes.

- "Main Group" não é a única firma estrangeira com quem coopera?

- Antes tivemos a possibilidade de cooperar com a firma oeste-alema "Votan", que nos propunha organizar a produção conjunta de máquinas de fundição. Mas quando o acordo estava pronto para ser assinado, a direcção do Departamento Central do Ministério da Indústria de Máquinas Ferramentas interpôs-se no caminho e não permitiu a assinatura. Os nossos parceiros da RFA ficaram profundamente desapontados por terem perdido connosco bastante tempo.

Mas isto aconteceú, como agora dizemos, nos anos da estagnação. Naquela altura perderam-se muitas outras oportunidades. Agora a situação é diferente. Temos autonomia. Nestas novas condições tudo depende de nós, e o principal papel em todas as relações económicas externas pertence à empresa. Indubitavelmente, há dificuldades, mas não há proibições, e isto é principal.

Muito recentemente, assinámos um contrato com outra conhecida firma italiana, a "Corsar", para fabricar em conjunto máquinas para produção do vidro. Estão em curso negociações com a firma dinamarquesa "Dizo" para a produção conjunta de máquinas e linhas de fundição. Queria especialmente destacar a empresa checoslovaca "Vigorplat", com quem estabelecemos há muito boas relações. Na prática da nossa cooperação são cada vez mais

frequentes trabalhos conjuntos de concepção. Muitos trabalhos de concepção da "Vigorplat" e do seu Instituto de Investigação Científica foram introduzidas na nossa empresa, enquanto as nossas inovações também se utilizam amplamente naquela firma.

Hoje, alteramos os nossos critérios na abordagem do problema das novas tecnologias e os homens de negócios de diversos países começaram a visitar a nossa empresa. Não vêm pela curiosidade, mas com o desejo de estabelecer contactos. É gente muito fechada, quando se trata de conversas vagas, e muito generosa, quando vêem nas negociações um resultado concreto.

Mas apesar de tudo, há ainda obstáculos no caminho para o mercado exterior. Isto explica-se em muito pelo facto de nós, tutelados durante muitos anos pelos órgãos de planificação e de controle e habituados às directivas de cima, termos levado as nossas relações com as nossas empresas a um beco sem saída e transferido mecanicamente também os métodos destas ideias viciadas acerca da cooperação para o domínio das relações externas.

Hoje, todos têm consciência de que a concorrência entre empresas públicas de maneira alguma determina o nível técnico dos artigos que se forma só no mercado internacional. Para entrar neste mercado, é preciso aprender muitas coisas que ao longo de muitos anos estiveram fora dos nossos interesses profissionais e de gestão. Antes de mais, há que estabelecer e desenvolver sólidos contactos com os parceiros estrangeiros, sobretudo com os que ditam "o tempo" no mercado internacional.

TEMPOS DE RENASCIMENTO DA ESPERANÇA

Nos últimos dois ou três anos a expressão "diplomacia popular" tornou-se muito corrente. À luz dos acontecimentos que tiveram lugar em Genebra, Reikjavik, Washington e Moscovo, o reforço da compreensão mútua entre os povos soviético e americano adquire uma importância especial. O correspondente do jornal "Sovetskaia Moldavia" Igor Tronine relata sobre a primeira experiência da Moldávia no domínio do intercâmbio de cidadãos com a organização "Friendship Force".

- A primeira visita dos activistas da nossa organização à Moldávia foi fundamental no estabelecimento das relações entre os Estados da Pensilvânia e da Virgínia Ocidental e a sua república. Agora vemos que não foi em vão que visitámos a URSS. Foi agradável e extremamente útil conhecer os habitantes da Moldávia. Não pouparemos esforços para que as nossas relações se transformem em amizade firme e cooperação concreta em prol dos nossos povos - diz Josef Pitts, membro da câmara dos representantes do Estado da Pensilvânia. Chefiou a delegação norte-americana da "Friendship Force" (Força da Amizade) que passou uma semana na nossa república.

A "Friendship Force" surgiu em meados da década de 70 por iniciativa do presidente Jimmy Carter e sua esposa. Esta organização não governamental une representantes dos mais variados grupos sociais dos EUA, pessoas de diferentes convicções políticas e religiosas que apoiam a principal ideia e o objectivo das actividades desta organização - desenvolver os contactos pessoais entre os cidadãos. Por motivos bem compreensíveis, a "Friendship Force" presta nos últimos anos uma atenção especial à ampliação da cooperação humanitária com a União Soviética, embora seja difícil realizá-la sem a ajuda financeira dos órgãos governamentais.

- A organização não recebe nem um dólar do Tesouro: o seu orçamento é composto de donativos voluntários dos norte-americanos, dos que francamente estão interessados no desenvolvimento dos contactos pessoais com os cidadãos estrangeiros - explica Pitts. - Esta circunstância complica a preparação das viagens ao estrangeiro ou a recepção dos convidados nos EUA. No entanto, há cada vez mais entusiastas que não poupam o seu

dinheiro para esta nobre causa.

- A situação complica-se também por outra circunstância - continua ele. Os americanos, na sua maioria, são um povo bastante desconfiado que prefere fazer as suas próprias conclusões de todas as coisas. Acreditamos mais nos nossos olhos ou nas testemunhas oculares do que no jornal mais respeitável. Eis a razão porque a "Friendship Force" põe em destaque os contactos pessoais entre os cidadãos, considerando que a comunicação frente a frente é o melhor instrumento para o fortalecimento da compreensão mútua.

A mesma ideia encontrou a sua expressão em duas mensagens oficiais transmitidas através dos membros da delegação aos habitantes da Moldávia:

"ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PENSILVÂNIA. CÂMARA DOS REPRESENTANTES"

"O respeitado Josef Pitts, membro da câmara dos representantes do Estado da Pensilvânia, chefiará a delegação de cidadãos norte-americanos que partem para Kichinev, Moscovo e Leninegrado. Esta visita, efectuada sob os auspícios da "Friendship Force" e da União das Associações Soviéticas da Amizade, será o quarto da série de encontros que têm por objectivo a aproximação entre os cidadãos de diversos Estados dos EUA e das 15 repúblicas soviéticas. Intercâmbios semelhantes devem dar aos nossos povos a oportunidade de se encontrarem frente a frente para estabelecer relações de amizade.

O êxito destes intercâmbios depende do facto de os mensageiros de ambos os países aspirarem ao desenvolvemento da amizade, desejarem compreender o modo de vida das famílias acolhedoras e as diferenças entre as culturas dos nossos países. Este programa visa reforçar a fraternidade e o respeito mútuo entre os povos de diferentes países e é um poderoso instrumento de fortalecimento da paz universal.

A câmara dos representantes da Assembleia Legislativa do Estado da Pensilvânia rende homenagem aos cidadãos de Kichinev pelo seu convite cordial e hospitalidade para com os mensageiros da "Friendship Force", altamente aprecia os seus esforços na criação da atmosfera de benevolência e confiança entre os povos com o fim a fortalecer a paz universal e pede para transmitir a presente mensagem aos habitantes de Kichinev."

"ESCRITÓRIO DO GOVERNADOR DO ESTADO DA PENSILVÂNIA, cidade de HARRISBERG"

"Com muito prazer envio os meus melhores cumprimentos aos habitantes de Kichinev.

Depois da recente visita do Secretário-Geral Gorbatchov aos EUA e assinatura do acordo histórico sobre a liquidação duma classe dos mísseis nucleares, para todos nós chegaram tempos de renascimento da esperança na verdadeira franqueza e amizade entre os nossos países.

Os intercâmbios realizados com a participação da "Friendship Force" dão uma possibilidade feliz de compreender e apreciar a cultura de outros povos e contribuem para a paz em todo o mundo. Estou convicto de que este programa fortalece e desenvolve as relações de amizade e de boa vontade entre os nossos grandes Estados.

Em nome de todos os habitantes da Pensilvânia faço votos de êxitos na continuidade deste intercâmbio enriquecedor.

Robert Casey,
governador da Pensilvânia"

- Eu, pessoalmente, regresso a casa com a firme decisão de intervir ao máximo possível - tanto entre os familiares e conhecidos, como nas actividades oficiais - em apoio do diálogo americano-soviético - disse Pitts. - É extremamente necessário no nosso século turbulento; dele depende não só o estado das relações entre os EUA e a URSS, mas também os destinos do mundo em geral.

Acho que o meu estatuto oficial de membro da câmara dos representantes ajudará a mim e aos meus correligionários a abrir o escritório permanente da "Friendship Force" na Pensilvânia. Agora a secção desta organização no nosso Estado arrenda um pequeno local e paga ao empregado, que trabalha algumas horas por semana. É pouco, necessitamos de uma sede permanente e dum mínimo de empregados. Sei que não será fácil arranjar tudo isto, mas não há outra saída: as nossas relações desenvolvem-se e só os esforços de entusiastas serão insuficientes para o trabalho sério.

Penso que podemos aproveitar a experiência da tão influente União das Associações Soviéticas de Amizade. Em Kichinev estudámos atenciosamente a estrutura e os princípios de funcionamento

da sua secção na república - a Associação Moldávia de Amizade, e julgo que será útil para o nosso trabalho. Embora - assinalou o visitante -, estejamos em situações diferentes, pois o desenvolvimento da amizade com os povos de outros países tem, na URSS, uma sólida base estatal.

Na Moldávia, traçamos um amplo espectro de direcções em que se poderiam desenvolver as nossas relações. Assim, considero uma grande sorte, talvez, inesperada, a minha visita ao Tribunal Supremo da RSS da Moldávia e a conversa interessante havida com o seu presidente Viktor Puchkach. Durante o intercâmbio de opiniões verificou-se que é possível estabelecer relações e realizar o intercâmbio de peritos entre esta instituição respeitada e o tribunal supremo da Pensilvânia. As mesmas perspectivas favoráveis para a cooperação existem, na nossa opinião, entre a Assembleia Legislativa do nosso Estado e o Presídium do Soviete Supremo da Moldávia, o que foi confirmado no decurso da nossa conversa com o Vice-Presidente do Presídium Viatcheslav Pchenitchnikov.

Estamos prontos a desenvolver as relações mútuas e a cooperação com os representantes de várias esferas da economia e cultura da Moldávia e com as organizações sociais. Entre as possíveis direcções vislumbram-se os contactos entre os estabelecimentos de ensino superior e as escolas da Pensilvânia e da Moldávia, empresas agropecuárias, ofícios populares, círculos religiosos, polícias e especialistas na esfera da ciência e técnica. A propósito, nas vésperas da partida para a URSS, dirigiram-se a mim representantes da defesa contra incêndios do nosso Estado com o pedido de averiguar a opinião dos seus colegas da Moldávia sobre a possibilidade de estabelecer a cooperação. Como se apurou, os colegas moldávios estão prontos a começar o diálogo.

É claro que compreendemos que nem todas as nossas aspirações conjuntas se transformarão em projectos e programas concretos. Mas foi necessário começar por algo e acho que o objectivo foi alcançado. Agora, tudo dependerá dos nossos esforços e acções comuns. Eis porque esperamos com impaciência a visita da delegação moldávia aos EUA a decorrer nos finais de Janeiro - inícios de Fevereiro, pelo que poderemos prosseguir o diálogo iniciado com êxito. Penso que não ficarão à parte os nossos vizinhos da Virgínia Ocidental.

Por enquanto utilizamos os dias que faltam até à chegada dos nossos novos amigos para conversas intensas com os nossos conterrâneos qué gostariam de saber mais sobre a URSS. O principal que pretendemos explicar-lhes é que o povo soviético sofreu muito na última guerra, que os velhos transmitem as recordações dela aos jovens, que ninguém neste país quer a guerra. Os nossos líderes - Reagan e Gorbatchov - trabalharam bem em Washington. Deram início ao melhoramento das relações americano-soviéticas. Todos nós cremos no êxito do seu novo encontro em Moscovo. Temos tempo e necessidade de reforçar os seus acordos com coisas concretas e com o fortalecimento da nossa cooperação - disse Josef Pitts.

Igor Tronine.

Publicado no "Sovetskaia Moldavia" de 2I de Janeiro de I988